

Não é possível entrar-se no mesmo rio duas vezes? Reformularei a sentença heraclítica sob o impacto do retorno a S. Paulo após ausência de mais de quatro anos: o rio da segunda entrada pode ser o mesmo da primeira, mas não é possível que quem entra seja o mesmo. O rio flui, e tal fluxo é aspecto da sua identidade: por fluir, é sempre o mesmo rio. Mas quem entra nele existe, e existir é alterar-se e ser alterado: por existir, é sempre outro. A vivência do retorno a S. Paulo impõe a distinção entre mudança e alteração, entre desenvolvimento do envolvido e explosão do implícito, e impõe portanto a reformulação do "tudo flui": as coisas fluem, (são sempre as mesmas), e os homens se alteram, (são sempre outros). Ao nível das coisas não há história, apenas desenvolvimento. Ao nível humano há história, há drama, e o termo "desenvolvimento" não se aplica a tal nível.

S. Paulo não pode parar, coitado, e Heráclito tem razão neste sentido. Porque S. Paulo é coisa. "Plus ça change, plus c'est la même chose". O Largo S. Bento mudou a ponto de ser irreconhecível. Parece Praça Roosevelt. Pois tal mudança do Largo S. Bento prova a identidade inalterada do Largo: é ele, como o foi sempre, tendência para Praça Super-Roosevelt. Coisas são estúpidamente e pérfidamente inertes. A estupidez da inércia está na afirmação cabeçuda da identidade da coisa. A perfídia da inércia está na dinâmica pela qual as coisas afirmam sua identidade. É isto o desenvolvimento das coisas: "tempo" inerte. Mas o homem pode parar, fazer "époché", transcender-se e transcender o mundo no qual se encontra, e Heráclito está enganado neste sentido. Porque o homem existe. Não afirma, busca sua identidade sem jamais alcançá-la. Não é tendência, é projeto. É isto a biografia humana: "tempo" imprevisível, alteração, liberdade. Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, não se pode voltar para S. Paulo após quatro anos, porque o tempo da coisa S. Paulo e o tempo de quem volta são dimensões incomensuráveis.

São Paulo cresceu. As cidades europeias diminuíram. Duas fases da mesma tendência inerente às coisas chamadas "cidades". Por isto tem sentido dizer-se que crescimento de cidade é "defasagem" de diminuição, (ou vice versa). Homens não têm fases. Ninguém é defasado. Não se pode fazer curvas biográficas, nem comparar homens como se compara cidades. Porque cidades, coisas que são, são encontradas lado a lado, e são com-prendidas quando com-paradas. Mas homens se

com

encontram em outros homens, e se re-conhecem nos outros. Alteram-se e são alterados pelo reconhecimento do outro. Se comparo S.Paulo com Paris, posso compreender essas duas coisas. Mas esta não é a razão pela qual voltei para S.Paulo. Voltei para tentar reconhecer-me nos meus amigos paulistas, afim de alterar-me. Não diminuí nestes quatro anos, nem eles cresceram. Somos, eles e eu, outros. Parar, e reconhecer-se em tal alteração é tarefa de "amor", isto é: de paciência, de passividade, de paixão, de admissão do outro. Por ser a existência humana capaz de paixão, de pausa, não pode entrar duas vezes no mesmo rio. A pausa do amor incidente entre mim e S.Paulo qual cunha: para poder voltar para S.Paulo, seria necessário que salte por cima de tal abismo amoroso. Que mergulhe no Largo S.Bento. Que não reconheça, que compreenda. Que não me altere, que reifique. Que seja objetivo, não intersubjetivo. Para poder voltar para S.Paulo, seria necessário que não ame. Mas existo, portanto amo. Ou inversamente: "amo ergo sum".

S.Paulo é coisa do tipo "instrumento". Foi produzido para ser útil. Camas servem para dormir, (ou guardar dinheiro), canetas servem para escrever, (ou coçar as costas). A inércia estúpida e perversa inerente à coisa é desviada, no instrumento, por intervenção humana, afim de servir determinado propósito humano. Para que serve o instrumento S.Paulo? Qual a sua utilidade? Que "vale" S.Paulo? Apesar da enormidade transhumana do instrumento, ou talvez precisamente por causa de tal enormidade, é preciso tentar formular as respostas a tais perguntas com a máxima precisão possível. E isto é possível apenas por diálogo com os outros. Não se trata pois de compreender a coisa S.Paulo. Trata-se de reconhecer o "valor" que se esconde no instrumento S.Paulo. Isto é: reconhecer-se na dialética entre a inércia da coisa S.Paulo e o propósito existencial que procura desviar a coisa em instrumento. O "valor" de S.Paulo está na tentativa de desviar a tendência do Largo S.Bento rumo à Praça Super-Roosevelt. Saber se S.Paulo vale uma missa é possível apenas para quem sabe se o Largo S.Bento foi efetivamente desviado, e quanto. Quem o sabe? O propósito de um instrumento não é necessariamente o propósito de quem o maneja. O propósito da prensa hidráulica não é necessariamente o propósito de quem a mantém em funcionamento. Os que passam pelo Largo S.Bento para tomar metrô devem parar, ou talvez até recuar um passo, ("Schritt zurueck"), se querem ver o propósito do Largo. Em seguida podem, intersubjetivamente, começar a avaliar o "valor" de S.Paulo.

Parar é difícil. Porque o homem, ele também, é objetivamente coisa. Quando

Quem anda, tende a andar, e para parar precisa decidir-se. Para quem anda, parar é "ato", tanto quanto andar é ato para quem está sentado. Mas para quem está voltando para S. Paulo parar é fácil. A enormidade transhumana da coisa S. Paulo lhe barra o caminho. Para ele S. Paulo é obstáculo, isto é: objeto, problema. Não vê *prima facie*, "valor" nenhum em tal coisa, não reconhece tal coisa enquanto instrumento. Fica boqui-aberto, parado no Largo S. Bento. Pois tal abertura da boca de quem está voltando pode despertar a curiosidade dos que passam pelo Largo. E a curiosidade é, (Aristoteles o sabia), o motivo da filosofia. "Propter admirationem enim" podem parar os que passam pelo Largo S. Bento. E aí os que pararam em torno do recém-voltado podem reconhecer-se na sua boca aberta por espanto, e ele pode reconhecer-se no espanto que seu espanto lhes causa. Tal mútuo espanto dos parados em pleno Largo S. Bento, tal interrupção do trânsito transitório por pausa transcendente, pode abrir o espaço para uma futura avaliação do "valor" S. Paulo.

As coisas estão na sela e nos cavalgam. Mas não somos necessariamente cavalos. S. Paulo não é necessariamente o deus que baixa no candomblé, e nós não somos necessariamente sempre filhas do Santo. Temos a capacidade tipicamente humana de vê-nos a nós próprios na situação na qual estamos. Quem está voltando para S. Paulo pode servir de espelho aos que andam pelas suas ruas e largos. E pode, por sua vez, espelhar-se nos passantes que pararam repentinamente. Apenas se tal reflexão mútua se tiver estabelecida, terá voltado quem está voltando. Neste sentido: bom dia, S. Paulo.

Eu mudo, não é o fim que muda

Eu posso falar, posso fazer "épocas", transcendo-me e
transcendo o mundo. Existo sem projeto.